

Grande ABC tem 54 quilômetros de extensão de malha cicloviária

No Dia Mundial da Bicicleta, celebrado hoje, especialistas chamam atenção para necessidade de iniciativas que aumentem a segurança e acessibilidade de ciclistas

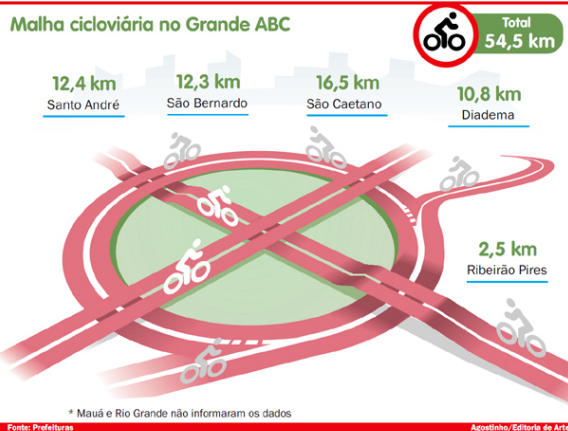
THAINÁ LANA
thainalana@dgab.com.br

Os ciclistas do Grande ABC contam com 54,5 quilômetros de malha cicloviária para percorrer cinco cidades da região – com exceção de Mauá e Rio Grande da Serra, que não informaram os dados. Juntos, os cinco municípios representam apenas 8% da extensão destinada para bicicletas na Capital, que possui 699,2 quilômetros e tem a maior malha cicloviária do País. Os dados da região contabilizam as vias destinadas para ciclovias (espaço segregado para circulação de bicicletas) e ciclofaixas (local delimitado na própria pista com outros veículos).

Conforme a Prefeitura de Diadema, a previsão é que no segundo semestre sejam construídos 12 quilômetros de vias destinadas a bicicletas. O Plano de Mobilidade Urbana, documento que norteia as ações e projetos para os próximos 10 anos na cidade, estima ainda que sejam criados mais de 100 quilômetros de ciclofaixas e ciclovias no município.

No Dia Mundial da Bicicleta, celebrado hoje e instituído em 2018 pela ONU (Organização das Nações Unidas), especialistas e ativistas chamam atenção para a necessidade de melhores condições de infraestrutura, segurança e acessibilidade. Desde 1998, a bicicleta é reconhecida como veículo de transporte pelo CTB (Código Brasileiro de Trânsito), com série de leis que garantem o direito de ir e vir e também de segurança aos ciclistas – o código ainda define a prioridade das bicicletas sobre os veículos automotores.

Há mais de 40 anos na luta pela valorização e direito da bicicleta, a ciclotivista Renata Falzoni descreve o ambiente urbano como agressivo, violento e desfavorável para mobilidade ativa (pessoas que se deslocam utilizando a própria energia). Para ela, as cidades foram desenhadas para a circulação de automóveis e falta conexão com outro público. Exemplo disso é o cálculo que a ativista utiliza durante suas



palestras sobre o tema: em uma via de 3,5 quilômetros de largura, podem circular por hora duas mil pessoas de carro; nove mil de ônibus; 14 mil de bicicleta; 19 mil a pé e 22 mil de trem.

“A bicicleta é excelente meio de transporte da massa, porém as vias não são desenhadas para que elas sejam utilizadas. São necessárias ações para incentivar o uso da bicicleta seja como transporte, esporte ou lazer. Entre as maneiras que podem aumentar a segurança e acessibilidade dos ciclistas e pedestres estão diminuir a velocidade nas vias, redesenhar o modelo das ruas, aumentar a extensão da calçada, entre outras iniciativas que impactariam positiva-

mente no trânsito e até nos índices de acidentes”, sugere.

O transporte sobre duas rodas é apontado como alternativa para diminuir a poluição nas cidades, principalmente nos centros urbanos, conforme ressalta o presidente do Proam (Instituto Brasileiro de Proteção Ambiental), Carlos Bocuhy.

“Para não emitir poluição e ajudar a prevenir o aquecimento global, principalmente em áreas urbanas já saturadas, é indicado o hábito de realizar pequenos deslocamentos apé ou de bicicleta. Conceber modal sustentável, não poluente e que reciba do poder público investimentos que auxiliem no transporte seguro, são elementos fundamen-

tais para sustentabilidade do meio ambiente urbano”, finaliza o ambientalista.

SAÚDE

Além dos benefícios econômicos, sociais e ambientais, as bicicletas também impactam positivamente na saúde dos usuários, conforme explica Maíra Assis, professora do curso de biomedicina na Universidade Estácio. Ela menciona que o ato de pedalar melhora a circulação sanguínea e fortalece o músculo e, consequentemente auxilia na diminuição de dores nas pernas. “O indivíduo também aumenta a resistência cardíaca pulmonar, evita a fadiga e diminui as chances do desenvolvimento da obesidade”, esclarece a biomédica.



POUCO. Ciclovias da região representam 8% do que tem na Capital

Ciclistas da região relatam amor pela prática

Seja como meio de transporte ou por lazer, dois ciclistas do Grande ABC não escondem o amor pelas suas magrelas – apelido carinhoso para as bicicletas. A moradora do bairro Fundação, em São Caetano, Andressa Besseler, 40 anos, foi influenciada a andar de bicicleta ainda na infância, pelos seus pais, porém a práti-

ca regular começou apenas em 2018. Hoje ela pedala uma hora por dia, pelo menos quatro vezes por semana, das 4h40 às 5h40 – horário escolhido para não disputar espaço com os outros carros.

“Ingressar nesse universo foi um mundo cheio de possibilidades e aos poucos fui entendendo a importância de

utilizar cada acessório durante o trajeto, principalmente os equipamentos de segurança. Hoje o mundo da bike é meu estilo de vida e meu maior sonho é poder utilizar a bicicleta como meio de transporte, porém a falta de segurança ainda é algo desafiador”, declara.

Há pelo menos quatro anos que Rodrigo Lourenço Pinto,

46, morador da Vila Alzira, em Santo André, utiliza a bicicleta como meio de transporte urbano. Ele utiliza o carro apenas para atividades que necessitam carregar objetos ou outros passageiros. “Fui influenciado por um amigo ciclotivista e percebi que é possível utilizar a bicicleta como meio de transporte, mesmo tendo filhos”, destaca.

A falta de espaço nas vias para os ciclistas é um dos

principais pontos destacados por Rodrigo quanto à segurança dos usuários. “Mudo o caminho para deixar de passar em vias que sei que são mais perigosas. Depois que comecei a usar o transporte sobre duas rodas fiquei mais paciente e civilizado no trânsito do que em relação a quando estou dirigindo”, conta o andreeense, que também utiliza a bicicleta para praticar exercícios físicos. TL

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Setecidades Pagina: 2